

FREIDA McFADDEN



O CASAMENTO DA EMPREGADA

Um conto da série A Empregada





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

O CASAMENTO DA EMPREGADA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

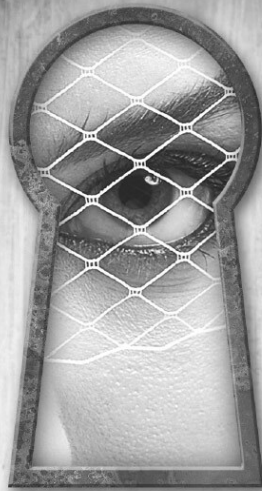
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

FREIDA McFADDEN



O CASAMENTO DA EMPREGADA

Um conto da série A Empregada



Título original: *The Housemaid's Wedding*

Copyright © 2024 por Freida McFadden

Copyright da tradução © 2024 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro

produção editorial: Ana Sarah Maciel

tradução: Roberta Clapp

preparo de originais: Karen Alvares

revisão: Pedro Staite

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Freida McFadden

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

e-book: Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M144c

McFadden, Freida

O casamento da empregada [recurso eletrônico] / Freida McFadden ; tradução Roberta Clapp. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2024.

recurso digital (A empregada ; 4)

Tradução de: The housemaid's wedding

Sequência de: O segredo da empregada

Continua com: A empregada está de olho

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-755-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Clapp, Roberta. II. Título. III. Série.

24-95130

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Artur de Azevedo, 1767 - conjunto 177 – Pinheiros

05404-014 – São Paulo - SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Caro leitor,

Escrevi este conto para preencher o longo intervalo entre *O segredo da empregada* e *A empregada está de olho*, segundo e terceiro livros da série. Fiquei preocupada com a possibilidade de os leitores se sentirem traídos por não terem visto Millie e Enzo se casarem, então aqui está! O conto pode ser lido ou depois do segundo volume ou após o terceiro, tanto faz.

Freida

sumário

prólogo

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

epílogo

agradecimentos

nota da autora

sobre a autora

sobre a Arqueiro

PRÓLOGO

Esse homem vai me matar.

Há um brilho assassino em seus olhos. Já passei por coisa suficiente na vida para reconhecer o perigo que estou correndo. Esse homem não vai esperar por uma explicação. Não vai me dar nem mesmo uma fração de segundo para recuperar o fôlego. Ele vai *acabar* comigo.

Somos apenas nós dois nesse espaço assustador e claustrofóbico. Ele se certificou disso: veio atrás de mim e esperou até o momento em que não havia ninguém, depois trancou a porta. Agora estamos aqui.

E ele pode fazer o que quiser comigo. Ninguém sabe que estou aqui.

Meu nariz está machucado, provavelmente quebrado. O sangue escorre de minhas narinas em riachos quentes, passando pelos meus lábios. O gosto é metálico. Me dar um soco foi uma das primeiras coisas que ele fez, antes mesmo de me cumprimentar. Foi o jeito que encontrou de me dizer que estava falando sério.

– Vou quebrar todos os seus ossos – sibila para mim.

Ele está falando sério. Meu Deus, ele *realmente* está falando sério.

Nunca imaginei que meu dia terminaria dessa maneira. Se eu soubesse (se fizesse ideia do que esse homem faria comigo), teria tomado decisões muito diferentes hoje de manhã. Achei que conseguiria lidar com isso, mas, desde o princípio, não havia escapatória. Eu não fazia a menor ideia.

A culpa de estar aqui é minha. Cometi um erro terrível. E agora é tarde demais.

UM
MILLIE

– Eu vou cortar o seu pescoço, Millie Calloway.

Ninguém quer ser acordado com *essas* palavras logo cedo.

Mas aqui estou eu, grogue do sono profundo e cheio de sonhos do qual fui arrancada por esse telefonema. Estou segurando o telefone junto ao ouvido, me perguntando se a ameaça sussurrada que acabei de ouvir faz parte de um sonho que ainda estou tendo. Afinal, quem é acordado com a promessa de que vão cortar sua garganta?

Bem, eu, pelo visto.

– Como é que é? – digo, minha voz ainda rouca de sono.

Eu me viro na cama e me apoio de lado, esfregando os olhos para acordar. Talvez tenha ouvido errado. Talvez, em vez de cortar meu pescoço, o desconhecido do outro lado da linha na verdade queira me oferecer uma redução no valor do seguro do meu carro.

– É isso mesmo que você ouviu – grita a voz masculina, grave e ameaçadora. – Você meteu o nariz onde não foi chamada, e agora vai pagar caro. – Há uma breve pausa para que eu assimile essa nova informação, e em seguida: – Você vai ter uma morte lenta e dolorosa, Millie Calloway.

Não, não é um sonho. A ameaça com certeza é real e claramente destinada a mim, como evidenciado pelo uso repetido do meu nome completo. Não posso fingir que ligaram para o número errado ou que seja telemarketing. Mas não é a primeira ameaça de morte que recebo, e não será a última.

No entanto, não estou muito animada com o fato de ela ter chegado no dia do meu casamento.

Dizem que chuva no dia do casamento dá sorte. Já ameaças de morte, imagino que não. Mesmo assim, sei exatamente como lidar com esse babaca.

– Vai pro inferno – respondo na maior calma, depois enfio o polegar no botão vermelho na tela para encerrar a chamada.

Devolvo o telefone para a mesa de cabeceira, onde ele passou a noite carregando, ao lado do protetor bucal que supostamente me impede de ranger os dentes durante a noite, se eu me lembrasse de colocá-lo antes de dormir. Eu me recuso a deixar que essa ligação me afete. Tenho a tendência de fazer coisas que irritam as pessoas, e, de vez em quando, ameaças de morte são esperadas, mas nunca provaram ser mais do que palavras vazias. Já estou acostumada.

Não vou deixar que isso estrague o dia.

Viro a cabeça e olho para meu noivo, que está se remexendo ao meu lado. Enzo pode ter sido acordado pelo toque do celular, mas, graças a Deus, não ouviu o que aquele escroto me disse. Se ele suspeitasse por um instante que alguém está me ameaçando, teria ficado furioso. Teria feito uma tempestade num copo d'água, talvez até sugerisse que fôssemos à *polícia* (e isso é a última coisa que quero hoje). Como eu disse, certamente foram apenas palavras vazias.

O dia de hoje não vai girar em torno de nenhum babaca inseguro. Hoje, só vai girar em torno de mim e de Enzo, do fato de que vamos nos tornar marido e mulher.

– Millie? – murmura ele, com seu sotaque italiano e a voz sonolenta. – Quem era no telefone?

– Telemarketing – minto.

Ele faz uma careta, porque odeia ligações de telemarketing. Teria odiado ainda mais o verdadeiro motivo da ligação, mas jamais vai ficar sabendo. Se acontecer de novo, vou ter que lhe contar, mas não hoje.

Enzo esfrega os olhos enquanto se esforça para se sentar. Seu cabelo preto está espetado e dá para ver uma sombra da barba no maxilar, mas o ápice da gostosura dele é justamente logo pela manhã. E isso é *muita* coisa, porque o nível mais básico de sensualidade dele já é bem alto. Então, as cobertas caem para o lado e revelam a musculatura firme de seu peito, e eu me esqueço completamente daquela ligação besta.

Em apenas quatro horas, esse homem vai ser meu marido. Meu *marido*. Vamos nos casar, com alianças e tudo mais. Apesar de estarmos juntos há muito tempo e de termos passado por diversas dificuldades, nunca acreditei cem por cento que esse dia iria chegar.

Coloco a mão delicadamente sobre minha barriga protuberante. Por mais que tente, não consigo esquecer que é por *isso* que vamos nos casar. Quando me pediu em casamento, Enzo fez todo um discurso dizendo que sempre soube, desde o segundo em que me conheceu, que eu era a pessoa certa, e que queria passar a vida toda comigo, mas isso aconteceu *uma semana* depois de eu contar que estava grávida. O timing era óbvio.

– Como você está se sentindo? – Ele notou que eu estou tocando a barriga, e a sobrelha se franze de preocupação. – Ainda enjoada?

Enzo foi maravilhoso durante a terrível crise de enjoos no primeiro trimestre. Ele me comprou três tipos de gengibre, o que, infelizmente, só confirmou três vezes que eu odeio gengibre. Comprou um difusor porque leu que aromaterapia poderia ajudar, mas não ajudou. Até leu um livro sobre acupressão e aplicou ele mesmo a técnica em mim, o que teve um desfecho erótico que *sem dúvida* me ajudou a esquecer o enjoo por um tempo. Mas nada funcionava. Até mais ou menos um mês atrás, eu vomitava todos os dias. Às vezes, várias vezes ao dia. Não foi nada divertido.

Mas é como dizem: o que não nos mata nos fortalece. Se sou capaz de lidar com crises de vômito duas vezes por dia, sou capaz de lidar com um babaca covarde que me ameaça por telefone.

Além disso, eu sei quem é esse cara. Tá, talvez não saiba o nome dele, mas nos últimos anos ajudei várias mulheres a escapar de maridos abusivos. Durante esse tempo, alguns deles, furiosos, se tornaram meus inimigos. Não sei qual desses maridos estava ameaçando cortar meu pescoço, mas é quase certo que era um deles.

– Tô bem. – Dou um sorriso que no começo parece forçado mas que, quando vejo o sorriso nos lábios dele, se torna genuíno. – Só tô empolgada com o dia de hoje.

– Eu também. – Ele se aproxima de mim, me puxando para seus braços nus. – Mal posso esperar pra me casar com você.

Quando ele fala isso, eu me sinto (será que posso dizer isso?) uma mulher de *sorte*.

Nunca me senti sortuda em toda a minha vida; essa é uma palavra que jamais usaria para me descrever. Mas, neste momento, me sinto a mulher mais sortuda do mundo.

Tá, nada nesse casamento é convencional. Não vai ser uma grande cerimônia: vamos nos casar na Prefeitura de Manhattan em uma capela minúscula que, segundo li, mais parece uma sala de reuniões com decoração temática. Além disso, tem todo o lance de eu estar grávida. Mas e daí? O que importa é que nós dois vamos passar o resto da vida juntos, e não há ninguém com quem eu preferiria compartilhar essa jornada.

Além disso, tem mais uma coisa que vai tornar esse dia especial.

DOIS

- Millie? – diz Enzo no meu ouvido enquanto se aconchega ao meu lado na cama.
- Transar na manhã do casamento dá azar?

Boa pergunta. Por mais que eu queira que a resposta seja não, estou desesperada para que minha boa sorte continue.

– Provavelmente – respondo.

Ele fica decepcionado.

– Tem certeza?

– Na verdade, a gente não deveria nem se *ver* hoje – explico.

– Sério?

Enzo olha ao redor de nossa minúscula sala de estar, claramente espantado. Moramos num pequeno quarto e sala no Bronx, onde a sala de estar e a cozinha se fundem em um cômodo só.

– Pra onde devo ir se não posso ver você? – pergunta ele.

– É mais uma regra pra gente chique que têm amigos com quartos de hóspedes onde podem passar a noite.

– Odeio gente chique. – Ele beija meu pescoço, o que faz meu corpo inteiro vibrar. – Então, como nós *já* quebramos as regras, não vai ser tão ruim assim quebrar um pouco mais, né?

Dando azar ou não, em qualquer outro dia, eu teria menos força para resistir a ele. Mas hoje é o dia do meu casamento. Tenho que tomar banho e me certificar de que o vestido caia bem, arrumar meu cabelo de forma respeitável e passar mais maquiagem do que o habitual batom de farmácia. Preciso de todo o meu autocontrole para afastá-lo.

– Melhor não. Preciso me arrumar.

– Se arrumar? – Ele parece chocado. – Mas o casamento é daqui a quatro horas!

– Isso. É daqui a *apenas* quatro horas.

Enzo franze a testa, mas desiste com relutância de me agarrar para que eu possa ir ao banheiro tomar um banho. Homens simplesmente não entendem. Tive que passar a camisa branca que ele vai usar hoje porque isso nem sequer lhe ocorreu, mesmo que a peça estivesse amassada de um jeito *claramente* inaceitável. Ele vai tomar banho em cinco minutos, secar o cabelo com a toalha, vestir o terno e ficar prontinho em menos de dez minutos.

Mas preciso estar perfeita hoje. Porque há uma outra coisa que vai tornar esse dia incrivelmente especial.

Meus *pais* vão ao casamento.

Isso é *muito* importante. Meus pais e eu não somos próximos. Na verdade, não os vejo há mais de uma década. Eles me abandonaram em um momento de necessidade, quando eu era adolescente, quando defendi minha melhor amiga de uma agressão e acabei na cadeia por ter matado o desgraçado. Eles me atiraram aos lobos: não me deram um centavo para pagar o advogado e nunca foram me visitar quando eu estava presa. E, mesmo depois de tudo isso, eu estava disposta a perdoar e esquecer (afinal, são meus pais), mas eles, não. *Você é a vergonha da família, Millie. Não queremos mais você atrapalhando nossas vidas.*

Sabe qual é a sensação de seus pais dizerem que você é a vergonha da família? Não é nada boa. No entanto, não importava o quanto tentassem me afastar, eu ainda ansiava pelo reconhecimento deles. Eu os amava e, acima de tudo, queria que vissem que eu havia mudado e não era mais a mesma garota de antes.

Tive medo de nunca mais vê-los. E ficava triste porque, como toda a família de Enzo já faleceu ou voltou para a Sicília, não teria nenhum parente dele em nosso casamento. Conversei com Enzo sobre isso uma noite, não muito depois de ele ter feito o pedido. Foi ele quem me convenceu a ligar para meus pais e contar sobre o casamento e o bebê. Minha mãe não pareceu muito animada quando se deu conta de que era eu do outro lado da linha. Em um primeiro momento, pensei que ela desligaria na minha cara. Mas, quando eu lhe disse que estava tentando me formar em serviço social, ela se derreteu consideravelmente. Não se empolgou ao saber que eu havia engravidado antes de me casar, mas ficou feliz em saber que em breve me casaria com o pai do bebê. E quando fiz o convite para o casamento, disse que estaria presente. Meus pais vão ser os únicos convidados em nosso casamento, as únicas testemunhas de nosso sagrado matrimônio.

Estou muito nervosa em vê-los novamente depois de todo esse tempo. Tenho medo de falar as coisas erradas e estragar tudo outra vez. Mas também estou animada. Amo meus pais e sempre torci para que me perdoassem pelos pecados que cometi no passado, em especial porque, para ser sincera, não acho que tenham sido pecados tão graves assim.

E não, meu casamento não vai ser exatamente como eu sonhava quando era menina, mas quero que seja o mais perfeito possível. Já começamos o dia com uma ameaça de morte, portanto, temos que correr atrás do prejuízo.

Saio da cama vestindo minha camiseta largona, que sem dúvida está cada vez menos largona. Antes de ir ao banheiro, vou até a janela e descubro que flocos de neve começaram a cair. Estamos apenas no início de dezembro e a previsão do tempo não indicava neve, mas ela cai rápido o suficiente para grudar no chão.

Neve no dia do casamento dá sorte? Ou só chuva?

Enzo boceja, ainda na cama.

– Vem cá – diz ele –, e Felicity?

– Felicity? – repito.

– Qual o problema com Felicity?

Dou de ombros.

– Sei lá. Só não é meu nome favorito de todos.

– Tá, então me fala, qual é o seu nome favorito de todos?

Desde que descobrimos em nossa última consulta com a ginecologista e obstetra que vamos ter uma menina, debatemos nomes de bebês umas três vezes ao dia. Ou, mais precisamente, *pelo menos* três vezes ao dia, e em todas elas um de nós sugere um nome e o outro explica por que é péssimo. É de se imaginar que conseguiremos chegar a um acordo em relação a algum nome nos próximos quatro meses, caso contrário nossa menininha vai passar a vida sem nome.

– Vamos encerrar a discussão sobre o nome do bebê por enquanto – digo. – Preciso tomar banho.

– Mas eu gosto de Felicity.

– Sim, bem, *eu* gosto de Nadine.

Enzo faz uma careta.

– Tá. Vamos encerrar o assunto por enquanto.

Estou prestes a entrar no banheiro quando meu telefone começa a tocar de novo. Enzo olha para o aparelho e vai pegá-lo para mim, mas saio correndo para alcançá-lo antes dele.

Quando dou uma olhada, fico feliz por não ter deixado Enzo atender. O número com prefixo 718 piscando na tela é desconhecido, e tenho quase certeza de que é o mesmo que me acordou de manhã. Deixo cair na caixa postal. Não estou a fim de receber outra ameaça de morte.

– Telemarketing outra vez – digo.

Ele assente, solidário, mas não faz nenhuma pergunta. E Enzo tem o direito de fazer perguntas, em especial quando carrego o telefone comigo para o banheiro para tomar banho, mas ele fica de boca calada. É uma coisa estranha de se fazer, mas não posso correr o risco de ele atender e ouvir aquela voz dizendo que vai

cortar meu pescoço. Enzo vai perder a cabeça se ouvir isso; ele não vai simplesmente dar de ombros e seguir com o dia.

Vou contar tudo para ele... amanhã.

Tomo uma ducha rápida e noto que minha barriga ficou muito mais saliente na última semana. Há um mês, não dava para perceber que eu estava grávida, mesmo sem roupa. Na pior das hipóteses, parecia que eu estava grávida de uma lasanha. Mas está ficando cada vez mais óbvio que há algo crescendo dentro de mim.

Meu bebê. A pequena Nadine.

Ou não. Mas Felicity é que não vai ser.

Depois de terminar o banho, saio do banheiro enrolada em uma toalha pequena demais. Enquanto me dirijo ao armário, onde meu vestido de noiva está pendurado, Enzo ainda está na cama, olhando para o celular.

Como não vamos ter um casamento tradicional, meu vestido de noiva também não é. Em primeiro lugar, não é branco. *Detesto* branco e, além disso, me parece uma cor extremamente inadequada, dada a minha... situação. Por isso, algumas semanas atrás, fui a uma loja de departamento e comprei um vestido azul-claro com saia evasê e mangas de renda. Havia sido remarcado de quase 300 dólares para pouco mais de 100, o que mal cabia em nosso orçamento, mas comprei mesmo assim, porque, pelo amor de Deus, é o nosso casamento. Além disso, o vestido pode servir tanto como “algo novo” quanto como “algo azul”, como manda a tradição.

Também tem decote redondo, que vai ser perfeito para exibir meu “algo antigo”, um colar com um medalhão de ouro que minha mãe está trazendo para mim. O colar é uma herança passada pela mãe dela e pela mãe da mãe dela. Para falar a verdade, nunca imaginei que ela fosse me dar esse colar. E o significado é muito maior do que o que vou receber no dia do meu casamento.

– Você não deveria me ver com o vestido. – Lanço um olhar preocupado para Enzo. – Dá azar.

– Eu não deveria ver você de jeito nenhum – lembra ele. – Enfim, agora eu já vi. Lembra? Você fez um desfile quando voltou pra casa.

– Ah, verdade. – Isso faz com que eu me sinta um pouco melhor. – Acho que deveria parar de ser tão supersticiosa.

Ele sorri para mim.

– É bonitinho. Bem, hoje é o dia do seu casamento. Você tá liberada pra ser *pazza*.

Ele já havia usado essa palavra várias vezes para se referir a mim. Não pesquisei o significado porque não tenho certeza se quero saber. Não acho que seja um elogio, mas deixo passar.

A toalha cai do meu corpo, e Enzo solta um assobio elogioso. Tiro o vestido azul do cabide e enfio as pernas no tecido sedoso. Comprei um par de meias-calças novinho em folha só para hoje e um par a mais para o caso de algum furo. Pensei em tudo. Estou preparada para qualquer emergência. Hoje vai ser perfeito.

Só que...

Ah, não. O zíper desse vestido idiota não está fechando mais!

TRÊS

– O que houve?

Enzo olha para mim com preocupação enquanto luto contra o zíper na parte de trás do vestido azul. Experimentei o vestido há apenas uma semana e estava ótimo. Serviu *perfeitamente*. Então por que estou tendo tanta dificuldade agora?

– Você pode fechar o zíper pra mim? – peço.

Ele pula da cama, ansioso para ajudar. Está só de cueca boxer, e isso me distrai por um segundo da angústia com o zíper, mas logo ele está atrás de mim e a distração desaparece. Seus dedos tocam a parte inferior das minhas costas.

– Última chance pra um momento erótico – sussurra ele no meu ouvido.

Fico um pouco tentada, mas balanço a cabeça.

– Só fecha o zíper pra mim.

Enfim entendo o que está acontecendo. Enzo faz o melhor que pode, com todo o seu amor. Ele se esforça para puxar o zíper sem rasgar o tecido, mas nada acontece. O fecho não se move. Na última semana, minha barriga cresceu a ponto de esse vestido não caber mais.

– Desculpa. – Ele abaixa as mãos em sinal de derrota. – Não tá indo.

Enterro o rosto nas mãos e afundo na cama.

– Meu Deus do céu, o que eu vou fazer?

Ele franze a testa.

– Outro vestido?

Balanço a cabeça.

– Não tenho mais nada tão bonito.

– Você fica linda com qualquer coisa.

A voz dele é tão sincera que fico com vontade de chorar. Está se esforçando ao máximo para amenizar uma situação ruim, mas não tem jeito. Não há mais nada

em meu armário apropriado para um casamento. Eu tinha *um* vestido decente para usar hoje, e agora ele não cabe mais em mim. Não tenho dinheiro para comprar um segundo vestido. Não tinha dinheiro nem para o primeiro.

Cogito a ideia de voltar à loja e tentar trocar. Só que comprei o vestido há semanas e ele parecia oferecer espaço mais do que suficiente para a barriga crescer, então joguei fora a nota fiscal. Não fazia ideia de que fosse “virar uma bola” assim do nada ao longo da última semana. Enfim, não posso tentar devolvê-lo agora – a última coisa que quero é entrar em uma loja e ser acusada de roubar um vestido. E se chamarem a polícia? E se eu *for presa* no dia do meu casamento? É ainda pior do que uma ameaça de morte. Ou, pelo menos, tão ruim quanto.

– Eu queria muito usar esse vestido. – É tudo o que digo.

– Tá bem. – Enzo se senta ao meu lado na cama e pega minha mão. – Me dá o vestido, eu vou resolver.

– Ué, não sabia que você entendia de costura.

Ele contrai os lábios.

– Conheço um cara que é alfaiate. Ele me deve um favor.

Estou bastante cética, mas o que posso fazer? Ou o amigo de Enzo resolve ou vou me casar de jeans e camiseta. Tá, tenho uma saia e uma blusa legais que poderia usar. Mas não é o meu belíssimo vestido azul.

Enzo liga de imediato para o amigo, que, surpreendentemente, acredita que consegue fazer o trabalho a tempo para a cerimônia, que será em *apenas três horas*. Ele pede uma série de medidas, que Enzo tira usando a fita métrica de seu kit de ferramentas. Em seguida, sai com os números rabiscados em um pedaço de papel, o vestido em um saco plástico e a chave do carro, prometendo voltar em meia hora.

Para ser sincera, não entendo por que não posso ir com ele para que as medidas sejam tiradas por um profissional, mas Enzo deu toda uma justificativa complicada de por que eu não poderia visitar o amigo dele. Quando tenta me explicar as coisas em italiano, eu desisto. Parece impossível que esse vestido fique pronto a tempo, mas preciso admitir que Enzo raramente me deixa na mão.

Depois que ele sai, volto ao banheiro para dar um jeito no cabelo. Sabe quando as mulheres contratam profissionais para cuidar de seus penteados antes do casamento? Bem, isso não acontece na Casa Calloway. Sou apenas eu e meu modelador de cachos vagabundo, fazendo o melhor que podemos.

Enzo prefere meu cabelo solto, mas preso é mais apropriado para um casamento. Não que vá haver um monte de fotos para postar nas redes sociais, mas e se meus pais quiserem tirar algumas? Ou tirar fotos minhas com eles?

Talvez a gente consiga tirar uma foto de toda a família reunida. Uma foto de família. Nunca imaginei que isso fosse possível.

Por fim, opto por deixar meu cabelo solto, concluindo que o olhar de felicidade no rosto de Enzo vai valer a pena. Tomo cuidado para não me queimar com o modelador de cachos, o que tende a ser um pouco delicado, e depois de cerca de meia hora tenho algumas ondas bem boas em meu cabelo loiro, normalmente liso. Vai ficar liso de novo à noite, mas só preciso que dure pelas próximas três horas.

Quando saio do banheiro, meu telefone toca onde o deixei pela última vez, na mesa de centro da sala. Assim como o restante dos móveis do apartamento, pegamos a mesa de centro lá na calçada em frente ao prédio e há um livro embaixo da perna esquerda para servir de calço. Pego o celular da mesa pouco antes de o autor da chamada desligar, e meu coração fica apertado.

É o mesmo número com prefixo 718.

Mas, pelo lado positivo, Enzo não está aqui para ouvir a conversa. Assim, posso ficar à vontade para dizer a esse cara o que penso sem que ninguém mais se dê conta de que estou sendo ameaçada. Eu aguento o ataque, mas vou atacar de volta.

Respiro fundo para me acalmar e clico no botão verde para atender.

– Alô?

– *Olá, Millie.* – É o mesmo sussurro áspero, como se ele estivesse disfarçando a voz. – Ou devo dizer *adeus*?

Reviro os olhos.

– Por que você diria *adeus*?

– Porque hoje vai ser o último dia da sua vida – diz ele.

– Ah, é mesmo? – respondo, entrando na brincadeira por enquanto.

– É o que você merece – sibila ele. – Depois das mentiras que contou pra minha esposa. Você arruinou o meu casamento, sua vagabunda.

Eu estava certa: é um marido insatisfeito. Não estou nem um pouco surpresa. Ajudei muitas mulheres a escapar de casamentos terríveis e, ao longo do caminho, fiz alguns inimigos. Faz parte do processo. Fico me perguntando quem será esse.

– E quem é a sua esposa? – pergunto a ele.

Vou me sentir melhor se souber quem é esse cara.

– Minha esposa era uma vagabunda – responde ele. – Ela teve sorte em estar comigo, mas *você* a convenceu do contrário.

Meu Deus, esse aí é osso duro de roer.

– Tenho certeza de que ela está muito melhor sem você – respondo na maior calma. – E sugiro que aceite isso e tente crescer com essa experiência. Além disso, me deixa em paz – complemento.

– Crescer com a experiência! – repete ele. – Você é muito cara de pau, Millie Calloway! Mulheres como você são o pior tipo de gente. E prometo que você vai pagar pelo que fez.

Podia apostar as economias da minha vida inteira que isso é só conversa fiada. É claro que não seria um grande risco, já que minha conta bancária está praticamente zerada, em especial depois de comprar o vestido azul que não cabe mais.

– Acho que não.

– Pense o que quiser – diz ele –, mas tenho uma perguntinha pra você, Millie.

– Beleza. – Cerro os dentes, entrando no jogo por mais um tempo antes de desligar e bloquear o número. – Qual é a sua pergunta?

A voz dele assume um tom de diversão.

– Já deu uma olhadinha no seu armário de casacos desde que o seu namorado saiu hoje de manhã?

QUATRO

Já deu uma olhadinha no seu armário de casacos desde que o seu namorado saiu hoje de manhã?

Meu estômago dá uma cambalhota quando meu olhar se volta para o pequeno armário do outro lado do cômodo, onde estão nossos casacos e botas. A porta do armário está fechada.

– O que você disse?

– Seu armário de casacos – repete ele. – Tenho uma ótima visão de você.

– Você tá mentindo – digo, engasgada.

– Não estou, não, Millie. – Ele praticamente cantarola. Me provocando. – Mas, se você tem tanta certeza, por que não vai lá dar uma olhada?

Desligo e tiro o celular do ouvido com a mão trêmula, desejando ter encerrado a ligação um minuto antes. Tinha certeza absoluta de que esse cara era inofensivo e só estava tentando me assustar. Que era tudo conversa fiada.

Mas como ele sabia que Enzo saiu de casa?

Meus olhos estão fixos no armário de casacos à minha frente. A porta está fechada e não há sinal de luz nem de movimento atrás dela. É possível que alguém esteja se escondendo lá dentro?

Não, não pode ser. Trancamos a porta a sete chaves à noite porque não moramos em um bairro muito bom. Na verdade, isso é um eufemismo. Como nossa situação financeira é bastante delicada no momento e estamos economizando cada centavo para quando o bebê nascer, a coisa mais importante enquanto procurávamos apartamento era que estivesse “a preço de banana”. O Bronx tem algumas áreas residenciais lindas, mas moramos no que talvez seja o quarteirão mais perigoso daqui. É o tipo de bairro em que não se aventura a sair depois de escurecer. E o tipo de bairro em que se compra uma boa fechadura.

Nossa fechadura é muito boa. Tem grau de segurança máximo, o que significa que resistiu a testes que envolveram marteladas, serras, arrombamentos e chutes. Suponho que seja possível que alguém consiga passar por nossa supertranca, mas isso teria que envolver no mínimo uma pequena explosão. Nós definitivamente ouviríamos. Além disso, Enzo deve ter pegado um casaco no armário antes de sair e, se alguém estivesse escondido naquele armário minúsculo, ele teria visto.

Mas...

Eu não tranquei a porta depois que Enzo saiu, pois estava no quarto quando isso aconteceu. Pareceu desnecessário, já que era dia e ele disse que voltaria logo. Temos o melhor ferrolho do mercado, mas ele tem um defeito fatal: não tranca automaticamente quando batemos a porta.

Mesmo assim, é impossível que alguém tenha entrado. Não houve tempo suficiente, e é quase certo que eu teria ouvido...

Se você tem tanta certeza, por que não vai lá dar uma olhada?

Não é possível. Eu teria ouvido o homem entrar: estava no banheiro, enrolando meu cabelo. Em algum momento, o secador barulhento esteve ligado, mas sem dúvida teria ouvido alguém entrar. Tenho cem por cento de certeza.

Tá, 99 por cento de certeza.

Meu primeiro pensamento é que eu deveria sair daqui. Se houver alguma possibilidade de haver um homem que queira cortar meu pescoço dentro do armário, preciso sair daqui o mais rápido possível.

Mas e se for um truque? Estou segura atrás das fechaduras da porta da minha casa, mas, se sair, vou ser um alvo fácil. E se quem ligou estiver lá fora, tentando me assustar para que eu deixe a segurança do meu apartamento?

É claro que eu *poderia* ligar para a polícia. É sempre uma opção. Mas agora faltam menos de três horas para o meu casamento. Se eu envolver a polícia, é melhor riscar “casar” da minha agenda de compromissos do dia. Um casamento cancelado certamente não ajudará muito a melhorar a impressão que meus pais têm de mim.

Preciso falar com meu noivo. *Agora.*

Minhas mãos ainda tremem quando ergo o celular e seleciono o nome de Enzo na lista de contatos. Toca algumas vezes antes de eu ouvir a voz dele do outro lado da linha. Só o som de seu sotaque italiano já é o suficiente para me acalmar.

– Millie! – A exultação dele é um forte contraste com a tensão que estou sentindo. – Estamos com sorte! Meu amigo disse que o vestido fica pronto em duas horas. Vamos ter tempo de buscar antes de chegarmos à prefeitura.

– Ótimo. – Qualquer preocupação que eu pudesse ter com o vestido é completamente ofuscada pelo medo paralisante do que quer que esteja no armário de casacos. – Você... você tá chegando em casa?

– Daqui a pouco. Cinco minutos. Dez, talvez.

Dez minutos. Muita coisa pode acontecer em dez minutos.

– Tá tudo bem, Millie? – pergunta ele.

Eu deveria contar o que está acontecendo. É ridículo não dizer nada. Mas meu instinto ainda me avisa que esse cara está tentando me perturbar. E se for esse o caso, a única maneira de ele vencer é se eu permitir que estrague o dia mais importante da minha vida. Não quero que meu casamento gire em torno desse babaca. Já é ruim o suficiente que esse cara tenha me irritado, mas, se Enzo descobrir, ele *não vai* deixar passar.

– Tudo bem – consigo dizer. – Por favor... por favor, volta logo.

– Pode deixar – promete ele, embora eu possa ouvir em sua voz que não acredita que esteja tudo bem. Mas, como está ocupado dirigindo, não me pressiona.

Desligo a ligação com meu futuro marido e meu olhar se volta para o armário de casacos. Não há ninguém lá dentro. É impossível. Se houvesse, eu o teria *ouvido* falando comigo, não é? O armário está vazio. Tenho certeza disso.

Se você tem tanta certeza, por que não vai lá dar uma olhada?

Eu poderia esperar Enzo chegar em casa, mas não quero. Quero desmascarar o blefe dele por conta própria; ninguém intimida Millie Calloway. Não há ninguém naquele maldito armário. Ele está tentando me deixar com medo, e vou provar que não estou.

Devagar, sem tirar os olhos do armário de casacos, volto para a parte da cozinha de nossa sala de estar. Pela primeira vez, fico grata por nossa casa ser tão pequena. Se por acaso eu for mesmo verificar aquele armário, preciso de uma arma. Preciso estar preparada para o que quer que esteja lá dentro.

O conjunto de facas fica na cozinha. Pego a maior que temos: uma faca que com certeza não vai falhar, mesmo que eu o apunhale de qualquer jeito. Em seguida, atravesso a sala, furtiva e com a faca em punho, enquanto me aproximo do armário.

Atravesso a sala em apenas cinco passos. Ainda estou segurando a faca na mão direita com tanta força que meus dedos estão sem circulação. Se alguém estiver dentro do armário e eu o matar, será em legítima defesa. Se for ele contra mim, vou me certificar de que não serei eu quem vai acabar no chão em uma poça de sangue.

Mas isso não vai acontecer porque não tem ninguém nesse armário idiota. E vou provar isso agora mesmo.

Estendo a mão e fecho os dedos em torno da maçaneta da porta.

CINCO

Antes que eu possa girar a maçaneta, as chaves tilintam na fechadura da porta da frente.

Ai, meu Deus, é o Enzo. Ele *voltou*.

Solto a maçaneta e meus ombros desabam. Queria ser corajosa, mas estou muito aliviada por não ter que fazer isso sozinha. Vai ser muito melhor agora que ele está aqui. Dois contra um é sempre melhor.

A porta se abre e meu noivo está parado na entrada, sem o vestido de noiva azul-claro. Está usando um casaco por cima da calça jeans e da camiseta, e há neve pontilhando os ombros. Tem um sorriso no rosto, que logo desaparece, e arregala os olhos negros quando me vê.

– Millie – diz ele, sem fôlego. – O que você tá fazendo com essa faca?

Os dedos da minha mão direita ainda estão fechados ao redor do cabo da faca. Não sei bem como explicar isso sem lhe contar tudo.

– Eu... eu vi um rato.

Ele inclina a cabeça para o lado.

– Eu achava que existiam armadilhas pra isso, não?

Tento sorrir, mas apenas um lado de meus lábios se move para cima.

– Estava improvisando.

– Entendi...

Ele fecha e tranca a porta. O ferrolho está seguro no lugar agora, o que é ótimo, a não ser pelo fato de que o intruso *já pode estar aqui dentro*.

– Onde o rato foi parar?

– Humm... – Olho para o armário ao meu lado. Não há nenhum som vindo de dentro nem qualquer indicação de que contenha algo além de casacos. – No armário. É... quer dar uma olhada?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O casamento da empregada" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).